

## O EQUÍVOCO DO FRACASSO ESCOLAR: A INTERVENÇÃO A PARTIR DO DIAGNÓSTICO CLÍNICO-PEDAGÓGICO

### *THE MISTAKEN OF THE SCHOOL FAILURE: THE INTERVENTION FROM THE CLINICAL-PEDAGOGICAL DIAGNOSIS*

Cássio Eduardo Soares Miranda

#### **Minicurrículo**

Professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da mesma universidade. é coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC).

E-mail: cassioufpi@gmail.com

Elvina Rafaelle Soares dos Santos

#### **Minicurrículo**

Graduanda em Pedagogia pela UFPI e pesquisadora voluntária do Projeto “Diagnóstico Clínico-Pedagógico e a identificação de dificuldades escolares em crianças em escolarização nas escolas municipais de Teresina”

## **RESUMO**

O presente trabalho discorre a respeito da aplicação do diagnóstico clínico-pedagógico em alunos nomeados como fracassados em sua trajetória escolar. Refere-se à um relato de pesquisa que foi desenvolvida numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da zona leste de Teresina. O diagnóstico clínico-pedagógico é um instrumento para a identificação das causas pelas quais os alunos não conseguem obter o êxito esperado na sua trajetória escolar e busca analisar também o fracasso escolar a partir dos alunos que não aprendem e não entendem o porquê de não aprender. Tal instrumento avalia os sintomas e significantes ofertados às crianças, aos quais esses alunos se identificam e acabam por responder dessa posição. Objetivou-se, no decorrer do trabalho, oferecer ao aluno a possibilidade de construção de novos significantes, resgatando-o, assim, de sua posição de alienado e segregado. A proposta de intervenção do projeto consiste em agir ante os alunos que apresentaram dificuldades no domínio da língua escrita, da leitura e do cálculo matemático, verificando de qual ordem seriam seus impasses: conceitual-pedagógica, subjetiva ou de saúde mental, ou seja, se se trata de um conflito psíquico ou de uma “carência educativa”.

**Palavras-chaves:** Fracasso Escolar. Diagnóstico Clínico-Pedagógico. Escola.

## **ABSTRACT**

This survey is a discussion on the application of clinical and pedagogical diagnosis of students who failed in their school life. It refers to a research report conducted in a group of students at 3rd grade, from the elementary education, in a public school in the eastern of Teresina-Piauí. The clinical-pedagogical diagnosis is a tool to identify the reasons why students fail to get the success expected in their school career, as well as seeks to analyze students who do not learn and why do not. This instrument assesses the symptoms and significance that are offered to the children, which are identified and answered by them. The objective of this survey is to offer to students the possibility of creating a new significance, thus, rescuing them of the alienated and segregated position. The project proposes an intervention to act in students who had difficulties in the field of written language, reading and mathematical calculation, checking what order would be its impasses: conceptual and pedagogical, subjective or mental health, i.e., it would be a psychological conflict or an "educational deficiency".

**Keywords:** School Failure. Clinical-Pedagogical Diagnosis. School.

## **1 INTRODUÇÃO**

Atualmente, o fracasso escolar vem ganhando visibilidade em função de sua recorrente presença entre crianças e jovens no ambiente escolar, em suas mais diversas modalidades, tornando-se cada vez mais como um desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas educacionais. Para a psicanálise, este fenômeno está diretamente ligado à segregação pela qual os alunos nomeados fracassados são submetidos (VASCONCELOS, 2008).

Na escola, o que fracassa não é o aluno que não aprende, e sim a noção de Ideal dessa escola que não permite que o aluno aprenda, questione e aja diferente do que a escola espera dele. Na perspectiva aqui adotada, o campo do Ideal corresponde a um sintoma como algo que falha e quando a escola se depara com um aluno que apresenta um sintoma que rompe com o enquadramento homogêneo e único, ela o denomina como sendo "esquisito", "estranho", "disfuncional" (*id.*, 2008).

O presente artigo refere-se a um relato de experiência relacionado a uma pesquisa-intervenção realizada em uma escola municipal da cidade de Teresina, no Piauí. Como principal instrumento de coleta de dados, foi utilizado o diagnóstico clínico-pedagógico cujo objetivo é identificar as causas pelas quais os alunos com

dificuldades escolares não conseguem sair dessa zona de segregação e a partir dos resultados obtidos gerar uma desconstrução dos significantes a eles impostos.

Nele, pretende-se analisar o fracasso escolar a partir daqueles que não aprendem e que não entendem o porquê de não obter êxito na aprendizagem, avaliando os sintomas e significantes a eles ofertados e que eles próprios acabam se identificando, tomando para si a característica atribuída, agindo a partir da posição segregadora que esse significante o colocou. Sabe-se que a grande oferta de significantes na contemporaneidade atribui características individuais a cada sujeito (SANTIAGO, 2005).

A proposta de intervenção do projeto consiste em atuar ante os alunos que apresentam dificuldades no domínio da língua escrita, verificando de qual ordem seriam seus impasses: conceitual-pedagógica, subjetiva ou de saúde mental, ou seja, se se trata de um conflito psíquico ou de uma "carência educativa". Para que isso seja possível, faz-se necessário um levantamento prévio dos alunos e de seus impasses realizados por meio de observação e conversação com os professores e com a coordenação pedagógica. Desse modo, os alunos foram selecionados a partir de dois critérios: alunos com dificuldade de aprendizagem e alunos com problemas de disciplina.

Por meio da conversação e da escuta orientada pela psicanálise, foram dadas oportunidades para que as crianças pudessem falar a respeito do mal-estar que as cercam, na expectativa de que alguma significação fosse produzida a partir do diálogo a respeito dos seus possíveis erros, servindo como forma de esclarecimento que ajudasse na produção de um saber específico para ajudá-las a sair do lugar que elas foram aprisionadas a partir do discurso de outrem.

## **2 O FRACASSO ESCOLAR: SABERES E DISCURSOS**

Atualmente, um dos maiores terrores enfrentados pelas escolas é com relação a não aprendizagem dos alunos: o fracasso escolar. Mas o que é esse fracasso escolar? Por que ele ocorre? Qual razão os alunos têm para não aprender? Se o professor ensina, por que o aluno não aprende? A seguir, serão percorridos saberes e concepções a respeito do fracasso escolar.

Entende-se por fracasso o estado ou condição de não atingir um objetivo pretendido ou almejado, podendo ser visto como o oposto do sucesso. A escola possui um modelo centralizado de sucesso escolar e de aprendizagem efetiva; o professor muitas vezes é tido como autoridade absoluta dentro da sala de aula, de forma que explana ativamente o conhecimento que se espera que o aluno adquira e, o aluno, acaba se colocando na posição de receptor passivo desse conhecimento quando na verdade o que é pretendido é que o professor também deve exercer sua autonomia, sem o uso de autoritarismo, respeitando as dificuldades de cada aluno (OLIVEIRA, 2014).

Quando esse aluno não adquire o conhecimento da forma esperada, ele acaba recebendo o título de "fracassado", fazendo com que ele não aprenda e nem compreenda o que o torna incapaz de aprender (VASCONCELOS, 2009). Dessa forma, o fracasso escolar é encarado a partir daqueles que não obtêm êxito na aprendizagem, logo, um aluno é identificado como fracassado no desempenho escolar quando não consegue obter sucesso no seu processo de aprendizagem e aquisição do conhecimento, bem como não consegue atingir os resultados esperados pela escola.

Este fracasso pode se dar por meio de evasão escolar, de repetências e/ou dificuldades de aprendizagem. O sistema escolar está constantemente buscando um "culpado" para justificar os motivos que levam ao fracasso escolar.

Em síntese, os motivos que tentam justificar o fracasso escolar baseiam-se em duas explicações: o aluno e sua família são os culpados, como nos diz Perrenoud (2002, p. 20): "Os professores persistem em assacar a responsabilidade pelo insucesso aos alunos e às suas famílias", com o discurso de que o aluno é proveniente de uma família desestruturada, que é uma criança carente, que passa fome, e por isso não consegue aprender; do outro lado, a escola e o mundo estão inseridas numa sociedade onde, por vezes, percebemos valores invertidos, em que predomina "a ideia de métodos de ensino inadequados, professores despreparados, condições culturais desfavoráveis, bem como déficits do sujeito" (FARIAS, 2007, p. 235) esta é a outra ideia entendida como sendo a responsável pela não aprendizagem dos alunos.

Todavia, de um lado há a sociedade capitalista que diz que a escola “na condição de instituição formal, apenas reproduzia os interesses da classe que se encontrava no poder, sem que fosse pensada qualquer possibilidade de transformação ou mudança.” (*id.*, 2007, p. 234) estimulando-a a girar em torno do “ter”, do lucro; de outro lado está o conhecimento em si, e é o valor deste conhecimento que precisa ser resgatado como sendo um bem necessário para o ser humano, algo que seja prazeroso e que mereça ser adquirido.

O mundo mudou e está em constante mudança, a sociedade se desenvolveu e passou a ser uma sociedade mais tecnológica, contudo, a escola parece ter parado no tempo, os professores parecem ter sido aprisionados ao modelo escolar de antigamente. Mas se o professor ensina, por que o aluno não consegue aprender? A metodologia utilizada dentro das salas de aula são, por vezes, metodologias que não entram em sintonia com a forma que o aluno apreende o conteúdo, com a velocidade de aprendizagem que ele possui, com os interesses pertinentes às reais necessidades de aprendizagem.

A escola que era para ser ambiente integrador, prazeroso, acaba se tornando, todavia, um ambiente excludente, com questões egoístas, facilitando a decorrência do fracasso, que acaba sendo atribuído ao meio social onde ele vive, ao status socioeconômico dos educandos, a questões cognitivas, mentais e/ou afetivas. A prática mecânica de ensino acaba tornando tal atividade enfadonha e cansativa para os alunos, que não aprendem e quando conseguem aprender, passam a não gostar do que foi ensinado, pois vêem isso apenas como uma obrigação (BRAGANÇA, 2008). Não seria este também um tipo de fracasso escolar?

Conforme fora dito, há uma busca constante por um culpado. Diante dessa realidade cada segmento, seja ele a escola, o Estado ou a família, busca a isenção dessa culpa. Com efeito, a maior aceitação é como sendo a família a principal responsável pelo fracasso escolar do aluno, principalmente quando relacionado à figura do pai que geralmente é nomeado como o desajustado, aquele que gera contendas no lar (COUTO, 2007).

Conflitos familiares constantemente refletem no desempenho escolar das crianças, concebendo perturbações de ordem afetiva, social e/ou emocional, tais

como falta de atenção nas aulas, agressividade no ambiente escolar, desinteresse pelos estudos, tensão, nervosismo e imaturidade, sendo necessária, em alguns casos, uma intervenção psicopedagógica.

Couto destaca a importância de a criança falar acerca de seus impasses e dificuldades encontrados na relação com o Outro: “É inevitável nesse momento que ela [a criança] fale de seus impasses com o Outro, seja ele familiar ou escolar. [...] uma mudança significativa na aprendizagem escolar ocorre quando elas começam a se interessar e falar sobre os impasses com esse Outro, principalmente o pai”. (*id.*, 2007, p.6). Segundo as pesquisas realizadas pela autora supracitada, boa parte das queixas presentes em crianças encaminhadas aos serviços de psicologia têm como fundamento a família, sobretudo a partir da noção de “família desestruturada”. Observa-se que as dificuldades escolares podem ser melhoradas e, por vezes, resolvidas a partir da escuta dos sujeitos, buscando a identificação das causas de seus problemas que na maioria das vezes estão relacionados com a família, em especial na figura do pai, que mesmo se colocando como um agente de uma Lei ordenadora da subjetividade, não obstante mostra ser uma figura desordenada, desequilibrada, que não tem um emprego fixo, que é adúltero, que é alcoólatra e/ou usuário de drogas etc. Logo:

Tem crianças com condição de aprender, mas não tem ambiente familiar, tem muita agressão dos pais entre si e contra os filhos. Elas não têm condições emocionais para aprender. Se é bem alimentada, se tem carinho da mãe e atenção do pai, alguém que olhe o caderninho dela, não tem por onde ser reprovada. Mas elas não têm nada disso. O principal é carinho, pode até ter um pouco de fome, mas precisa sentir que tem alguém interessado nela, que gosta dela (PATTO, 1997, p. 287).

Com isso, vislumbramos que os fatores familiares são os que mais aparecem na investigação a respeito do fracasso escolar. Como Patto (1997) ressaltou, a criança necessita de alguém que a acompanhe em suas atividades escolares, necessita de incentivo quanto ao seu processo educativo, quando isso não ocorre na prática, ela acaba por perder o interesse ou esse interesse nem sequer chega a existir.

Fonseca (2010) elucida que a "*culpa*" do fracasso escolar é também constantemente atribuída ao aluno e ao meio no qual ele está inserido, sua falta de capital cultural, sua desestrutura familiar e ao que ele chama de "burrice congênita" por se tratar de algo que o acompanha desde o nascimento, sua família. Isso reforça o que alguns dados consistentes já mostraram a respeito dos alunos pobres, negros, moradores de periferia que fracassam na trajetória escolar. A escola pouco pode fazer para tentar evitar com que esta realidade seja modificada, e ela acaba se tornando impotente perante as diversas situações de fracasso. "Sabe-se que a Educação destinada às camadas mais baixas da população nunca foi prioridade" (FONSECA, 2010, p.2), gerando uma *exclusão* omissa das camadas populares.

A escola acaba oferecendo um conteúdo totalmente diferente do que os alunos vivenciam fora dos muros da escola, fazendo parecer que os conteúdos ensinados no ambiente escolar não têm aplicabilidade na vida cotidiana dos alunos, não são úteis para eles por não ter sintonia entre o que é ensinado e o que é vivenciado na prática, gerando um desinteresse em aprender, ratificando a ideia de que o professor é o transmissor de conteúdo e os alunos permanecem sendo repetidores (OLIVEIRA, 2014).

A escola acaba por distanciar-se da realidade do aluno, pois se isola, deixa de ouvi-lo, de questioná-lo a respeito dos seus saberes já consolidados, saberes anteriores à escola, sua pluralidade cultural, suas vivências de mundo, bem como suas dificuldades diante do seu processo de aprendizagem, quebrando assim o elo que deveria existir entre a escola, o aluno e o mundo ao redor.

Dentro da sala de aula, o professor é a figura de maior peso no processo de aprendizagem, é o responsável por repassar saberes aos alunos, fazendo-os adquirir conhecimentos antes desconhecidos. Contudo, há uma dificuldade de realizá-lo na prática e alguns professores "ajudam" a colocar seus alunos numa posição de segregação, por meio de palavras e/ou atitudes. Sabemos que o professor é uma autoridade dentro da sala de aula, e com isso, os alunos, em sua maioria, escutam e acatam o que os professores dizem. Quando estes rotulam seus alunos com qualquer tipo de significante, os estudantes acabam por responder a partir desse lugar a eles atribuído.

Por outro lado, há professores que se esforçam para realizarem seus trabalhos com eficiência, de modo que os alunos aprendam de maneira significativa, todavia, as vezes sentem-se desestimulados pelo cansaço que a profissão lhes causa, pelo desgaste decorrente da sobrecarga e principalmente pela falta de apoio, gerando um mal-estar nos docentes, o que contribui de forma significativa para que muitos professores acabem se frustrando com a profissão.

Os problemas com que os professores se deparam, tais como falta de interesse, de conhecimento, a agressividade, a baixa autoestima dos alunos e a descrença no próprio sistema educacional fazem com que se estabeleça o conceito simplista de “culpa”: as responsabilidades são transferidas mutuamente entre a escola e a família (FONSECA, 2010, p. 6).

A forma como o conteúdo escolar é trabalhado na sala de aula pode influenciar diretamente nos casos de fracasso escolar. Há uma enorme quantidade de fenômenos educacionais, tais como a reprovação, baixo rendimento escolar, distorção idade-série/ano, dificuldades de aprendizagem, etc. e que podem estar relacionadas com a inadequação do material pedagógico, ou seja, o material utilizado durante o processo de ensino está distante da realidade dos educandos, pois a escola tende a desconsiderar a diversidade cultural dos seus alunos, não utiliza o que ele já sabe, menosprezando suas singularidades, fazendo com que não ocorra uma assimilação e/ou uma dificuldade em saber em qual momento da vida eles irão aplicar o que estão aprendendo na sala de aula (BRAGANÇA, 2008).

Partindo deste pressuposto, nota-se que os alunos e os professores do presente século não são os mesmos dos anos passados. Contudo, o sistema educacional permanece inalterado. O que é observado no processo educacional atualmente é que a escola não acompanha os avanços que o mundo globalizado vem passando, permanecendo com uma postura tradicionalista e por vezes elitista, em que os conteúdos não têm sentido na aplicação pessoal da vida dos alunos provenientes das camadas populares.

A discriminação das diferenças que ocorrem dentro do contexto escolar é outra dificuldade enfrentada pela escola, pelo fato da escola não saber como lidar com essas diferenças, essa discriminação pode afetar a autoestima do aluno



comprometendo seu desempenho escolar, sua vontade de aprender e de frequentar a escola.

Diante disso, temos os casos de fracasso escolar no qual os alunos aprendem o que a escola exige de uma maneira mecânica, mas não sabem onde e como aplicar esse conhecimento, então, mesmo obtendo notas satisfatórias para avançar para a série seguinte, o aluno só reproduz o que a escola impõe, e não produz um conhecimento real e necessário para a vida, podendo ser caracterizado como um tipo de fracasso escolar.

Em função dessas questões expostas, a cultura tratou de produzir diversos discursos e saberes na tentativa de encontrar uma explicação para o fracasso escolar. Historicamente, podemos identificar alguns saberes e práticas que, de modo ou de outro, acabam por justificar a ideologia de uma época. Aqui, apontaremos três saberes que tentaram justificar o fracasso escolar e que, de certa forma, aparecem ainda hoje em nossa sociedade.

### **O saber médico**

Buscando esclarecimentos a respeito do fracasso escolar de acordo com os saberes médicos, é possível afirmar primeiramente o que significa as relações entre o processo saúde/doença e o fracasso escolar.

Este saber começou por tentar encontrar as causas orgânicas do fracasso escolar, discutindo-o a partir da noção de disfunção cerebral mínima, o que gerou um excesso de medicalização das queixas escolares.

Medicalizar o fracasso escolar é interpretar o desempenho escolar que contraria aquilo que a instituição espera dele em termos de comportamento ou de rendimento como sintoma de uma doença localizada no indivíduo, cujas causas devem ser diagnosticadas (ZUCOLOTO, 2007, p. 137).

Dessa forma, a medicalização põe em questão relações entre distúrbios físicos e psicológicos, uma vez que a psicologia escolar tradicional ainda explica o fracasso escolar pela via da medicalização, de uma forma generalizada, na qual um rendimento não satisfatório dos alunos no ambiente escolar é encarado como uma disfunção orgânica. (*id.*, 2007).

Talvez o maior mito existente até hoje, segundo Moysés (2011, p.30) seja a “crença de que questões de saúde são responsáveis pelo menos em parte, pelo fracasso escolar. Há uma associação destes dois problemas nas mais diversas áreas da educação, contudo as causas médicas do fracasso escolar não existem”. Nesta perspectiva, a medicina não influi nas questões educacionais. É claro, no entanto, que algumas doenças podem sim afetar a frequência dos alunos à escola e conseqüentemente comprometer a aprendizagem. Nesse sentido, Moysés aponta uma contundente crítica em relação aos efeitos da política governamental sobre a saúde e suas conseqüências sobre o desempenho escolar das crianças: “O fato de serem as mesmas crianças que tem problemas de saúde e que vão mal na escola é conseqüente à determinação comum de ambos os problemas: a política governamental para o setor social, reflexo do modelo de desenvolvimento imposto aos pais” ( *id.*, 2011, p. 30).

Entretanto, não são as causas exclusivamente médicas que ditam o fracasso escolar, a doença e o mau desempenho na escola não são fatos interligados. Até mesmo pelo fato de que os brasileiros sofrem de doenças que não atrapalham no seu desempenho extraescolar e extracurricular (*id.*, 2011).

Com efeito, se não existem causas reais para o fracasso, acabam surgindo causas artificiais para explicar a não-aprendizagem. Sobretudo ao se tratar de distúrbios e disfunções de aprendizagens que costumam ser centrados unicamente no indivíduo e incitam a medicalização.

O termo medicalização refere-se ao processo de transformar questões não-médicas eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza (BRANÇANCA, 2011 *apud* COLLARES; MOYSÉS, 1994, p.25).

Dessa forma, busca-se encontrar na singularidade de cada criança uma justificativa médica para o seu mau rendimento escolar e quando não a encontram, optam por rotular e segregar estas crianças como portadora de algum distúrbio e/ou déficit de aprendizagem.

## O saber psicológico

A psicologia é a área que trata dos estados e processos mentais do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente físico e natural. Com efeito, é uma importante aliada aos estudos a respeito do fracasso escolar, no qual, a psicologização do fracasso escolar foi um avanço em relação ao saber médico, contudo, também aprisionou o dito fracassado em um lugar tão danoso quanto ao do saber médico.

A psicologia é uma extensão do saber médico, embora seja um avanço em relação a este, visto que a psicologia começa a ceder espaço para que o aluno fale a respeito de seus sintomas. Por sua vez, a psicologia busca a produção de novos saberes, não somente a reprodução do que é dito pela escola, busca intervir no âmbito do fracasso escolar tentando constatar o real problema, a fim de diagnosticar e explicar essa realidade.

De acordo com Heckert (2007, p. 111), “O trabalho do psicólogo deve incidir no processo que constrói a realidade das diferentes práticas educacionais e não em seus produtos, por exemplo, o fracasso escolar”. Todavia, o psicólogo dentro da escola visa pensar sobre o que acontece para além da lógica, além do que já foi preestabelecido pela escola, buscando dessa forma gerar uma desconstrução de significantes previamente colocados nos alunos e provocar uma reconstrução de significantes positivos e que possam ajudar os alunos a escapar do monstro que é o fracasso escolar, sendo possível tirar o foco das causas orgânicas que o saber médico costumava constituir para incitar a utilização da medicalização.

A problematização pertinente do fracasso escolar consiste na individualização do sujeito e seu processo educativo. Costuma-se analisar por meio da singularidade de cada sujeito a justificativa cabível através de causas orgânicas para a não aprendizagem do aluno. Logo, a psicologia busca analisar as causas e as soluções para os problemas dos sujeitos dentro de um contexto e não os sujeitos de forma individual.

Por outro lado, “as tentativas de explicação do fracasso escolar estavam voltadas para culpabilizar principalmente o sujeito que sofria o fracasso e a sua família, como se fossem seres inertes, soltos no tempo e no espaço” (FORGIARINI,

2007, p. 6). Essas tentativas culpabilizam além da família, professores, e a própria escola ao se tratar do desempenho dos alunos, ao invés de buscar um culpado, o psicólogo escolar busca entender as causas das dificuldades apresentadas pelos sujeitos.

Com efeito, o discurso da escola atual está pautado em transformar o fracasso em sucesso, visando superar a cultura do fracasso escolar por meio de várias estratégias, tais como: programas de correção de fluxo escolar, progressão automática dos alunos e classes de reforço (HECKERT, 2007). Contudo, a heterogeneidade das escolas públicas não está equiparada com o que as diretrizes atuais falam a respeito do ensino, uma vez que as diretrizes foram criadas visando à massificação dos alunos e não contando com as diferenças existentes.

### **O saber pedagógico**

Na escola atual, o professor é tido como o gestor do seu processo pedagógico, responsável pelo que fazer e pelo que não fazer na sala de aula, todavia, esses professores dispõem de pouco espaço para se responsabilizarem por suas tarefas, quando a escola o cerca de atividades, não restando tempo suficiente para a realização das atividades relativas à docência (COHEN, 2013).

O ambiente escolar vem adquirindo um caráter segregador e medicalizante na sociedade contemporânea, visto que a instituição escola rotula os alunos sem uma análise consistente do real problema a ser enfrentado pelas crianças em situação de dificuldade escolar, dessa forma, quem se afasta do padrão exigido pela escola é entendido como fracassado.

O saber pedagógico é uma reafirmação dos saberes médico e psicológico, uma vez que, a pedagogia sustenta sua cientificidade na psicologia e com isso acaba repetindo o discurso psicologizante do fracasso escolar. Diante disto, observa-se que alguns professores chegam a adoecer durante o processo educativo e culpam os alunos por não conseguirem absorver conhecimento, bem como suas famílias por não realizarem seu devido papel, deixando para a escola o papel de educador e de pais dos alunos. Todavia, sofrem com o desamparo que diante do sistema educativo, que acaba por desestimular a prática docente.

A escola é responsável por tirar o aluno de sua posição segregadora e o colocar em contato com o aprendizado de maneira prazerosa, entretanto, não é isso que acontece na prática, na maioria dos casos, a escola induz o aluno a uma posição segregadora. No entanto, a questão é, se o professor ensina, por que o aluno não aprende? E por que quem fracassa é sempre o aluno?

De acordo com Charlot (2005) há duas lógicas de ensino e aprendizagem, a lógica do professor e a lógica do aluno. De acordo com a lógica do professor: o aluno deve estudar para saber, já na lógica do aluno: ele deve estudar para passar de ano. Em síntese, professor e aluno não descobriram ainda o prazer por estudar, não encontraram um sentido, isso resulta também no fracasso, pois

Na mente do professor, por princípio, o problema está com o aluno, mas também há dúvidas profissionais. O fracasso do aluno atinge a auto-estima do professor, sua dignidade está sob questionamento. O aluno provavelmente também pensa ser o problema, assim como pensa que o professor tem culpa, que não explicou bem, e assim vai se constituindo, aos poucos uma situação de tensão no cotidiano escolar (*id.*, 2005, p.28).

Essa tensão entre professor e aluno dificulta o diálogo entre ambos, dificultando assim a busca do sentido, do prazer pelo conhecimento. Com efeito, “o aluno de bairro popular não está esperando uma pedagogia ativa, ele está esperando uma pedagogia segura” (*id.*, 2005, p. 69). O aluno da classe popular não está interessado *a priori* de adquirir conhecimento, mas sim de avançar para a série seguinte, a pedagogia entra como agente de segurança e que leve até estes alunos o prazer em concretizar esta aquisição do saber, de modo a não ser um conhecimento vazio, mas sim algo consistente e que o aluno saiba valorizar e aplicar esses conhecimentos em sua vida cotidiana.

### **3 DIAGNÓSTICO CLÍNICO-PEDAGÓGICO**

Como já foi abordado anteriormente, o fracasso escolar vem sendo um dos maiores vilões no âmbito da educação e várias são as concepções acerca do fracasso escolar. Todavia, outra concepção no que tange ao fracasso pode ser pensada; trata-se da psicanálise, com suas diversas formas de compreender o fracasso, sobretudo tomando-o como um sintoma no âmbito da educação. Neste

artigo, de modo mais específico, trataremos de discorrer sobre uma maneira de se abordar o fracasso escolar pelo viés do sujeito, ou seja, aquele da psicanálise.

De acordo com a psicanálise, no fracasso escolar o que fracassa não é exatamente o aluno, mas sim a noção de “Ideal” tão segregadora que a escola tem, visto que o fracasso não é caracterizado como uma patologia, um distúrbio ou como *déficit* linguístico, como supõem os diversos discursos que tentam explicá-lo. Faz-se necessário a análise do fracasso a partir daqueles que não aprendem, mas que têm muito a dizer sobre suas dificuldades, mas que em razão dos significantes e nomeações estes alunos não aprendem e não sabem a razão pela qual não aprendem (VASCONCELOS, 2009).

A psicanálise se utiliza do diagnóstico clínico-pedagógico como uma importante estratégia principal para o estudo do fracasso escolar, analisando as formas do *impossível* que se manifestam no campo educacional, tomando como objeto de estudo os vários sintomas produzidos no interior dos discursos presentes nas práticas escolares (*id.*, 2009).

Esse diagnóstico clínico-pedagógico tem por finalidade identificar e intervir junto aos alunos que apresentam dificuldades quanto aos cálculos matemáticos, ao domínio da língua escrita ou quanto à leitura, visando a investigação a respeito de que ordem seriam seus impasses: se de ordem conceitual-pedagógico ou ordem subjetiva, buscando encontrar nas entrelinhas e nas conversas que certamente essas atividades irão gerar, pequenos fragmentos do que pode ser o suposto causador de suas dificuldades, para que a partir daí se possa iniciar o processo de desconstrução dos significantes, objetivando retirar o aluno de sua posição de segregação, tornando possível a apreensão de novos conhecimentos.

Faz-se um levantamento prévio dos alunos e seus supostos “problemas” junto aos professores e a coordenação pedagógica, bem como, é solicitado a indicação dos alunos que a escola considera “alunos-problema” de modo a tentar classificá-los a partir de dois critérios: alunos com problemas de disciplina ou com dificuldade de aprendizagem (VASCONCELOS, 2008).

Em seguida, inicia-se o processo de intervenção, no qual é realizada uma atividade diagnóstica para nivelar os níveis de conhecimentos matemáticos, de

leitura e de escrita dos alunos escolhidos para serem investigados. Na medida em que as crianças desempenham as atividades solicitadas e vão apresentando certas dificuldades e/ou erros, lhes é dada a oportunidade de falar de seus impasses, ou seja, aquilo que de certa forma impede sua aquisição de conhecimento.

O sujeito é levado em consideração, tanto quanto aquilo que ele sabe de si, quanto àquilo que ele sabe a respeito de seus impasses, tornando possível a elucidação de elementos subjetivos para cada sujeito, propiciando a desconstrução de sintomas e significantes equivocados.

Analisa-se, portanto a dimensão conceitual-pedagógica do diagnóstico clínico-pedagógico, de acordo com Santiago (2005), consiste na investigação do conhecimento da criança com relação ao seu domínio dos fundamentos teóricos que são indispensáveis para a superação dos erros de conteúdo. Esse diagnóstico é aplicado de forma interrogativa, a criança é interrogada da mesma forma que se interroga uma pessoa a respeito de seu sintoma, busca-se esclarecer dessa forma a trajetória intelectual que a criança desenvolve na solução de uma determinada tarefa, verificando até que ponto é seu impasse. Logo, uma criança é considerada como tendo uma dificuldade de ordem conceitual-pedagógica quando apresenta dificuldades de aprendizagem ou de reprodução do que foi aprendido frente aos conteúdos escolares.

Além disso, tem-se também a dimensão subjetiva, em que Santiago (2005) enfatiza a ação de escutar o que a criança tem a dizer sobre sua dificuldade, levando sempre em consideração o que o sujeito sabe a respeito do que lhe acontece, o que possibilita não apenas o esclarecimento dos elementos da subjetividade ou de sentido inconsciente, acrescentando o mínimo de significação possível. A prática da escuta do sujeito possui o alcance de integrar ao diagnóstico da dificuldade de aprendizagem a dimensão subjetiva, que para a psicanálise é a única via possível de transformação da queixa escolar em uma demanda de tratamento propriamente analítica.

A subjetividade do sujeito muitas vezes não é levada em conta pelos professores e gestores das escolas, gerando um silêncio diante das situações vivenciadas por estes sujeitos, o diagnóstico vem para quebrar esse silêncio quando

propõe que o sujeito fale a respeito dos seus sintomas e impasses na aprendizagem.

O modo como as crianças são nomeadas pela escola acabam sendo internalizadas subjetivamente, fazendo com que elas passem a responder a partir desse lugar que lhes foi dado pelo Outro, afetando sua subjetividade, logo, elas se recusam ao aprendizado pelo qual elas são permitidas passar e isso só poderá ser desconstruído por meio da escuta do que o sujeito tem a dizer a esse respeito.

Ao se tratar da escuta analítica no diagnóstico clínico-pedagógico, Vasconcelos (2009, p. 6), diz que "a maioria das que chega para o atendimento clínico-pedagógico traz consigo um diagnóstico precoce, deduzido, na maioria das vezes pela própria escola, de que possui problemas subjetivos", vislumbramos a partir daí que a escola tem o hábito de rotular seus alunos sem um estudo consistente, fazendo com que sejam distribuídos sintomas entre os alunos que por algum motivo não conseguem aprender, mesmo que não sejam de forma consciente.

O que é possível averiguar é que nem todos os impasses dos alunos que são identificados como sendo de ordem subjetiva são realmente de ordem subjetiva, daí a importância de realizar um diagnóstico clínico-pedagógico da maneira coerente, não anulando a subjetividade dos alunos, mas sim, levando em consideração tudo o que eles vierem a falar, contemplando o sujeito em seus mais variados aspectos.

Por vezes, a escola rotula um aluno sem antes analisar seus sintomas, sem levar em consideração o momento da vida que o indivíduo está vivendo, o colocando num lugar de segregação de maneira que ele passa a responder deste lugar, vetando o que ele poderia adquirir de conhecimento pela falta de escuta do sujeito.

#### **4 METODOLOGIA**

Conforme mencionado acima, este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em uma Escola Municipal da cidade de Teresina (PI) que apresentou um baixo rendimento no Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB). O IDEB foi criado em 2007 pelo Ministério da Educação Brasileiro e consiste em medir o desempenho escolar dos alunos de duas formas: medindo o fluxo escolar e



avaliando as médias de desempenho nas avaliações, permitindo assim, traçar metas de qualidade educacional para os sistemas.

O IDEB é uma ferramenta importante para o acompanhamento de metas de qualidade do Plano de Desenvolvimento da Educação, que tem por meta alcançar o IDEB de 6,0 pontos no Brasil até o ano de 2022, podendo comparar-se com países desenvolvidos, contudo, o IDEB ainda é um grande indicativo de fracasso, pois muitas escolas não conseguem atingir a meta estabelecida pelo governo.

Na primeira parte da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema, baseado no referencial teórico psicanalítico, privilegiando Freud e Lacan, e autores contemporâneos. Na fase de intervenção propriamente dita, foi aplicado o diagnóstico clínico-pedagógico, que consistiu em intervir junto aos alunos que apresentam dificuldades no domínio da língua escrita, da leitura ou do cálculo, visando verificar de que ordem seriam seus impasses: conceitual-pedagógica, subjetiva ou de saúde mental. Os dados obtidos foram tratados com base na análise do discurso, onde se considera que o *corpus* é construído teórica e historicamente e que o objeto de estudo - discurso: efeito de sentido entre interlocutores - remete sempre a outros discursos.

A escola selecionada para a realização da pesquisa foi uma escola pública localizada na zona leste da cidade de Teresina que atende alunos do 1º ao 5º ano nos turnos manhã e tarde, escolhida a partir do seu desempenho no IDEB, que de acordo com o censo de 2013, alcançou o Índice de 4.7 não atingindo a meta estabelecida, que era de 5.3.

No primeiro momento da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, a fim de adquirir conhecimentos que pudessem embasar e ajudar no decorrer da pesquisa, posteriormente, foi realizada a observação dos alunos indicados pela escola em sua rotina habitual, em suas trivialidades, sendo um total de quatro alunos indicados pela escola, numa turma de terceiro ano do ensino fundamental.

Como parâmetro de observação foi analisado o comportamento dos alunos e também o modo como estes alunos se posicionavam ante ao que era ensinado pela

escola, bem como seu comportamento perante os outros alunos e sua relação com a professora, e vice-versa.

A observação vem antes da teoria (ROSA, 2010). Partindo desse pressuposto, foi realizada a observação de quatro alunos indicados pela coordenação pedagógica da referida escola a partir da observação do rendimento não satisfatório na concepção da escola, alunos estes que supostamente apresentavam algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Durante um mês, estes alunos foram observados semanalmente dentro e fora da sala de aula.

Eram estes: três meninas e um menino com idades entre oito e nove anos, duas das meninas foram nomeadas pela escola como tendo dificuldade na aprendizagem, a terceira menina foi nomeada com dificuldades provenientes da ordem subjetiva, e o menino com dificuldades de ordem comportamental.

Durante o período de observação em sala de aula, foi possível perceber que os alunos indicados para a intervenção a partir do diagnóstico clínico-pedagógico, possuíam certa necessidade de chamar atenção no contexto da sala de aula. A professora, por sua vez, se mostrava calma, com um ar pacífico, mas não acreditava no potencial de seus alunos e por vezes repetia: "este aluno não aprende e nem vai aprender".

Numa observação mais voltada à subjetividade dos alunos, foi possível observar no aluno que a escola chamou de "portador de um problema comportamental" a realização de todas as atividades propostas, mas somente quando incentivado pela pesquisadora, realizou atividades matemáticas, de leitura e de escrita de maneira satisfatória para sua idade/série.

Quanto à aluna nomeada como tendo um problema de ordem subjetiva, foi constatada uma dificuldade em assimilar os conteúdos expostos em sala, bem como, quanto mais palavras negativas a professora lançava a ela, mais a aluna se retraía em seu mundo particular, tornando-se impenetrável, dificultando ainda mais a aquisição de conhecimento.

Quanto às duas meninas rotuladas com dificuldade de aprendizagem, foi observado que ambas correspondem bem aos estímulos e mostraram-se com um

ritmo mais lento de aprendizagem, contudo, isto não significa dizer que ambas não fossem conseguir aprender, como a professora repetia.

Para a verificação das hipóteses que foram obtidas a partir da observação, foi realizado a princípio um diagnóstico clínico-pedagógico com os quatro indicados pela escola. Como citado anteriormente, duas das meninas indicadas tinham dificuldades relativamente normais para a idade delas, devido a este fator foram selecionados para a segunda fase da pesquisa apenas o menino nomeado com problemas comportamentais e a menina nomeada com problemas de ordem subjetiva, no qual foram realizados testes e atividades específicas para as dificuldades de cada um. Para um estudo de caso mais aprofundado, foi escolhido o menino como caso paradigmático para tentar compreender os outros casos.

"Os dados obtidos são resultantes da relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado" (*id.*, 2010, 185), logo, nessa relação de transferência de trabalho entre pesquisador e pesquisado que o campo observacional foi constituído, resultando numa série de conversas informais, necessárias e bastante esclarecedoras, uma relação desprovida de preconceitos, sem excesso de teorias e sem um diagnóstico formado antes do processo de escuta do sujeito, buscando os significados e desconstruindo os significantes, ressignificando estes sujeitos perante o outro (a escola).

Segundo Iribarry (2003), o método da pesquisa psicanalítica não traz novidades quanto aos participantes ou técnicas, a novidade está na metodologia utilizada na análise dos dados, que podem ser vários, mas "o mais importante é que o pesquisador transforme sempre seu dado em texto" (p. 125). Facilitando e esclarecendo o trabalho do pesquisador. "A análise dos dados, na pesquisa psicanalítica, deve ser orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto" (ROSA, 2010, p. 186), buscando encontrar nas linhas e nas entrelinhas contribuições para o problema original da pesquisa, pois, segundo Rosa (2010) a escrita de um caso ultrapassa a uma apreensão apenas momentânea e circunstancial do objeto observado, pois transforma os registros daquilo que apresenta como enigma ou relato.

## 5 O CASO JOÃO

Após o período de observação e após analisados previamente os relatos da gestão escolar, foi escolhido para estudo de caso um aluno que chamou mais atenção a partir dos fatores relacionados a aprendizagem, uma vez que foi ressaltado que toda a inquietação que o aluno possuía era na verdade a necessidade que ele tinha de chamar atenção. Quanto aos fatores de aprendizagem, o aluno se apresentou de forma contraditória do que foi dito previamente ao seu respeito (ele não aprende/ele não consegue).

Com isso, observou-se que dentre os participantes do grupo de pesquisados, este aluno foi o que mais demonstrou curiosidade e interesse em participar das atividades propostas por meio do diagnóstico clínico-pedagógico. Chamaremos este aluno ficticiamente de João.

João é um aluno de nove anos que está repetindo o 3º ano do Ensino Fundamental e de acordo com o que foi relatado pela professora, é de alta vulnerabilidade social, os pais são traficantes, a mãe está presa, perdeu dois irmãos assassinados vítimas de rixas causadas por drogas, mora com a avó e possui outras três irmãs mais velhas.

De acordo com o eu foi relatado pela escola, João apresenta um desempenho não satisfatório para o Ideal exigido pela escola, de modo que foi possível observar um comportamento bastante da escola ao se tratar de João.

Bastante agitado, inquieto e por vezes agressivo, João apresentava resistência para fazer as atividades propostas pela escola, dessa forma, foi colocado em uma posição de segregação em relação com os demais, tido como um aluno que tem dificuldade em aprender e problema comportamental.

Segundo a direção escolar, João tem um histórico familiar bastante delicado. Filho de traficantes, viu a polícia invadir sua casa entre os três e quatro anos para levar presa sua mãe, que por sua vez ao perceber o movimento policial escondeu João debaixo da cama e fez com que ele ficasse quieto, pois sabia que se fosse pego seria entregue ao conselho tutelar.

Ao saber do que ocorrido a avó paterna foi até a residência onde estava João e o levou para morar com ela, juntamente com outros familiares, entre eles uma

prima de dezenove anos que João diz ser a única pessoa que o ajuda nos deveres de casa quando ele tem alguma dúvida.

Quanto ao pai, João demonstrou um sentimento de rejeição, por vezes falava coisas do tipo que ele foi abandonado no lixo, que o pai não gosta dele e que ele foi jogado na lama assim que nasceu.

João diz que em suas horas vagas costuma jogar *vídeo game*, principalmente um jogo chamado *resident evil*. Ao dizer isso, a pesquisadora sugeriu que ele escrevesse o nome do jogo com a desculpa de pesquisar para descobrir do que se tratava, então João disse que não sabia escrever porque a “tia” havia dito que ele não sabia. A partir desse momento foi possível dar início ao processo de intervenção para a desconstrução de significantes impostos pela escola à ele.

Em seguida, a pesquisadora sugeriu que ele escrevesse exatamente da forma que ele achava que era, concordando, ele escreve “residete ivio”, isto é, escreveu exatamente como essas duas palavras são pronunciadas por se tratar de duas palavras em inglês. Ao falar do jogo, João demonstrava bastante eloquência, principalmente ao tratar da violência inserida no jogo, talvez pelo fato de viver em um ambiente tão desprovido de cuidado e carinho.

Partindo deste pressuposto, foi possível observar que João possui dificuldades condizentes com a idade e ano escolar que ele se encontra, quebrando os paradigmas escolares que diziam que ele não aprende, uma vez que João lê textos com autonomia, escreve com alguns erros aceitáveis, realiza as operações de adição e subtração com até três algarismos, consegue fazer multiplicações básicas, mas encontra um pouco de dificuldade ao dividir.

João demonstra ser uma criança bastante carente, uma vez que ao passo que demonstra certa agressividade para com os colegas, durante jogos e principalmente ao ser contrariado, demonstra também bastante carinho para com a pesquisadora que demonstrava atenção e interesse pelo que ele fazia.

A cada encontro João demonstrava mais confiança e interesse em participar das atividades interventivas. Em alguns momentos foram solicitados alguns desenhos espontâneos no qual na maior parte das vezes João escolhia desenhar situações que envolvessem zumbis.

Durante essa atividade, João relacionava seus desenhos com fugas e situações de solidão e abandono, pois durante as explicações de seus desenhos o ambiente era sempre sombrio, repleto de zumbis tentando atacá-lo e ele estava sempre correndo sozinho por toda parte com armas poderosas no punho, em um dos desenhos chegou a dizer que ele chegara ao local onde encontrou os zumbis com amigos em um carro de carroceria, porém seus amigos foram embora e o deixaram sozinho e ele teve que enfrentar tudo sem ajuda. A conclusão era sempre a mesma: ele vencida todas as batalhas e voltava para casa sozinho.

Devido a necessidade de chamar atenção de alguma forma e das constantes frases de efeito da professora que dizia que ele não aprende e nem vai aprender, João foi colocado em uma posição de segregação e passou a responder dessa posição, suprimindo as “expectativas” e fracasso esperado pela escola. Contudo, a pesquisadora observou, na medida em que se dava a oportunidade de João construir novos significantes a seu próprio respeito, ele saiu da posição de fracassado com a qual ele se identificava.

Ao aproximar-se do final da pesquisa, João se mostrava um pouco mais alegre, sentia-se acolhido, importante, e alegrava-se sempre que a pesquisadora aparecia para levá-lo a mais um encontro. Observou-se uma pequena mudança comportamental na sala de aula, um pouco mais de interesse e de interação na sala de aula, de modo que, a professora e a escola começaram a enxergar João como uma possibilidade de mudança e de aprendizagem, ainda que remota aos olhos dos observadores escolares.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível observar que o que fracassa é a noção de Ideal que a escola tem a respeito dos alunos que não suprem as expectativas que a citada instituição espera. Com a finalidade de identificar os reais motivos que fazem com que o aluno não obtenha o êxito esperado, foi aplicado o diagnóstico clínico-pedagógico que teve por finalidade identificar por que os alunos não conseguem aprender e, conseqüentemente, sair da zona de segregação, para a partir daí possibilitar a desconstrução dos significantes negativos que a escola impôs.

Pretendeu-se analisar o fracasso a partir daqueles que não aprendem e então propiciar a construção de novos significantes e novas possibilidades, de intervir utilizando a fala do sujeito sobre suas dificuldades, bem como a conversação e diálogo sobre os erros, as preocupações, podendo então produzir significação positiva na vida do educando antes tido como fracassado e/ou aluno-problema.

Conclui-se, portanto, que o fracasso escolar pode ser advindo de repetências, desistências, bem como a oferta de significantes aos alunos com algum tipo de dificuldade de aprendizagem, os dados referentes a esse fracasso escolar é uma crescente nos dias de hoje. Contudo, pudemos observar por meio de estudos, que essa realidade pode ser modificada se partirmos de uma posição mínima de contestação a essa realidade, estudos feitos por meio de observação, conversação e escuta analítica são indicados na busca de uma justificativa para esse possível fracasso escolar.

Visamos à identificação dessas dificuldades da maneira mais consistente possível, para que dessa forma, ocorresse uma intervenção que buscasse mudar uma dada situação ou realidade. Observou-se a importância e o peso que o professor tem como autoridade dentro da sala de aula exercida sobre os alunos. A partir do momento que alguém se interessa em escutar o sujeito e acreditar em sua capacidade, a realidade desse sujeito pode ser modificada, como também pode ter o efeito contrário quando utilizado de maneira negativa tratando os alunos de maneira incoerente.

Como foco da pesquisa, foram analisadas principalmente as causas do fracasso escolar nas escolas da rede municipal de ensino, foi constatado que não há um culpado nesse suposto fracasso, mas o contexto que a criança está inserida influencia bastante, seja no ambiente familiar, social, escolar, bem como a classe socioeconômica que as crianças pertencem.

A intervenção realizada junto aos alunos por meio do diagnóstico clínico-pedagógico consistiu em ouvir o que o sujeito tinha a dizer sobre as dificuldades que eles apresentam, ouvir o que eles têm a dizer sobre si mesmo, proporcionado assim uma apropriação dos conhecimentos relativos aos alunos para que seja possível, então, a desconstrução de significantes negativos previamente estabelecidos.

Observou-se os pequenos conflitos decorrentes das queixas escolares das crianças. Contudo, através da utilização do diagnóstico clínico-pedagógico foi possível a desconstrução de significantes e a construção de novos saberes escolares significativos, por meio das atividades propostas e dos momentos de conversação e observação.

Por fim, recomenda-se aos futuros pesquisadores do fracasso escolar que vejam seus alunos como sendo seres únicos e singulares intervindo positivamente na construção de novos saberes e concepções educacionais, bem como educadores mais afetivos e acolhedores no seu modo de ensinar, não colocando significantes negativos nos seus alunos, mas sim, ajudando-os na construção de um conhecimento crítico, construtivo e efetivo.

Um trabalho sistemático de pesquisa e intervenção na escola, se realizado de maneira consistente pode ser uma forma de ajudar a resolução do fracasso escolar, de forma que os alunos sejam colocados em evidência, mas não pelo modelo de sucesso imposto pela escola, mas sim por suas singularidades.

## Referências

BRAGANÇA, G. A. **A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar**. Rio de Janeiro: ProPEd, 2008.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COHEN, R. H. P. O fracasso escolar a partir da interface entre Psicanálise e Educação. **Olh@ res**, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 56-68, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/146>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

COUTO, M. P. Família e fracasso escolar. **Revista aSEPHallus**, v. 2, n. 4, p. 38-49, maio/out.2007. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_04/artigo\\_04.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/artigo_04.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

COUTO, M. P. Psicanálise e educação: uma investigação das queixas escolares. **Psicologia e Educação**, n. 18, p. 157-170, 2004. Disponível em: <[http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Margaret\\_Pires\\_do\\_Couto\\_Psicanalise\\_e\\_educacao1.pdf](http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Margaret_Pires_do_Couto_Psicanalise_e_educacao1.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Form@re. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 4, n. 2, p.59-84, jul./dez. 2016.



FARIAS, F. R. O fracasso escolar no cenário das patologias da contemporaneidade. **Arq. bras. psicol.**, v. 59, n.2, p. 232-244, 2007. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/94>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FONSECA, A. G. Reflexões a respeito da "ideia" de fracasso escolar. **CAMINE: Cam. Educ**, v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/164>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FORGIARINI, S. A. Escola Pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, 9., SEMANA DE EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. Paraná, 2007. **Anais...** Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completo/Trabalhos/PDF/63%20Solange%20A.%20B.%20Forgiarini.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

IRIBARRY, I. O que é pesquisa psicanalítica? **Agora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

HECKERT, A. L. C. Fracasso escolar: do que se trata? *Psicologia e educação, debates "possíveis"*. **Aletheia**, n. 25, p. 109-122, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942007000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000100009)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

MOYSÉS, M. A. A. Fracasso escolar: uma questão médica. **Cadernos Cedex**, p. 7-16, 2011. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_06\\_p029-031\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_06_p029-031_c.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

OLIVEIRA, W. M. Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem. **INESUL**, Londrina, v. 23, jan./mar. 2014. Disponível em: <[https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_28\\_1391209402.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

PATTO, M. H. S. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PERRENOUD, P. Os sistemas educativos face às desigualdades e ao insucesso escolar: uma incapacidade mesclada de cansaço. In: DUARTE, J.B. (Dir.). **Igualdade e Diferença**. Numa escola para todos. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, p. 17-44, 2002. Disponível em: <[http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/php\\_2002/2002\\_14.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2002/2002_14.html)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Form@re. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 4, n. 2, p.59-84, jul./dez. 2016.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

SANTIAGO, A. L. **A inibição intelectual na psicanálise**. Zahar, 2005.

VASCONCELOS, R. N.; SANTOS, J. S.; SANTIAGO, A. L. B. Abordagem clínico-pedagógica do mal-estar das crianças frente às dificuldades escolares. **Proceedingsonline**, Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032008000100071&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100071&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

ZUCOLOTO, P. C. S. V. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. **Rev. Bras. Crescimento Desenv. Hum.**, p. 136-145, 2007. Disponível em: <<http://medicalizacao.org.br/wp-content/uploads/2014/06/19822-23396-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2016.